

RUBEM BRAGA

## PALAVRAS

— «MAS que judeu!».

Essa expressão é comum, e judeu vai aí no sentido de avaro, de usurário. Qualquer dicionário registra esse sentido, e foi contra isso que um advogado, o sr. Fernando Levisky, abriu campanha. Conseguiu alguma coisa: já em dois dicionários foi riscada essa acepção pejorativa. A história dessa campanha vem agora contada em um livro — «Vocábulos no banco dos réus» — do sr. Queirós Júnior.

Há certamente outros vocábulos de má fama. Galego e galegada, jesuíta, gauchada, espanholada, baianada... Os diplomatas do Panamá passam a vida protestando em vão contra os que chamam qualquer grande negociata administrativa de «panamá», embora nunca se lembrem de esclarecer que os famosos «chapéus Panamá» são feitos no Equador... Caso curioso foi o dos adjetivos «polaco» e «polaca» (éste último historicamente ligado à Constituição do Estado Novo...) que se tornaram tão pejorativos que foi preciso inventar «polonês» e «polonesa».

Tirar essas coisas dos dicionários é certamente muito mais fácil que suprimi-las da linguagem comum. E mais difícil que eliminar a acepção ruim de «judeu» é acabar com «judicção» e «judiar», mesmo porque estas palavras perderam muito do seu sentido de crueldade para adquirir uma certa suavidade de tom, entre o infantil e o lírico. O rapaz que diz à moça que ela está «judiando» dele não exprime nem de longe qualquer sentimento anti-semita. O próprio nome de Cristo não é usado muitas vezes em tom jocoso?

A campanha do sr. Levisky é muito justa e simpática e, se fôsse autor de algum dicionário, eu também atenderia ao seu apêlo. Não seria muito científico, filologicamente, mas tomaria o partido da boa vontade, o que o nosso fero mestre Aurélio não se conformou em fazer.